

Padrões de uso dos dois pontos e reticências em traduções de Paulo Henriques Britto como traço do estilo do tradutor

Patterns of colons and suspension dots usage in translations by Paulo Henriques Britto as a feature of translator's style

Célia Maria Magalhães

UFMG

cmagalhaes@ufmg.br

Ícaro Luiz Rodrigues de Melo

UFMG

icaro-melo@ufmg.br

Resumo: Estudos sobre pontuação e estilo de tradutores, incipientes nos estudos da tradução, observam que há mudanças obrigatórias ou opcionais de pontuação nos textos traduzidos (TT) que alteram o estilo dos textos-fonte (TF). Este artigo investiga o uso dos dois pontos e das reticências como provável traço do estilo do tradutor. O objetivo é mostrar que há padrões de preferência do tradutor usados provavelmente visando o público-alvo da tradução. Estudos sobre o estilo do tradutor, como Baker (2000), Munday (2008) e Saldanha (2011), May (1997), Minelli (2005) e Novodvorski (2013) servem de base teórica para a análise a que se propõe este trabalho. São também usados estudos sobre uso da pontuação no inglês e português (QUIRK *et al.*, 1985; HALLIDAY, 1985; TUFANO, 2005). O corpus de análise é composto por três coletâneas de contos de autores americanos como, Philip Roth, John Updike e Jumphah Lahiri e as respectivas traduções para o português, de Paulo Henriques Britto,

integrantes do Corpus ESTRA (MAGALHÃES, 2014). Na metodologia de análise foram usadas ferramentas do programa WordSmith Tools© 6.0 para gerar automaticamente dados estatísticos e linhas de concordâncias. O programa Microsoft Word 2010 foi usado para alinhamento e categorização dos recursos de pontuação analisados. Os resultados obtidos confirmam padrões de preferências tradutórias de Paulo H. Britto no uso dos dois pontos e reticências, marcando fronteiras diferentes entre orações, provavelmente visando à compreensão do público-alvo. Confirmam também o argumento de Saldanha (2011) segundo a qual o estilo do tradutor pode ser influenciado pela narrativa do TF.

Palavras-chave: estilo do tradutor; pontuação; ferramentas de corpus; Paulo Henrique Britto.

Abstract: Studies on punctuation and translator's style, still in their infancy in translation studies, show obligatory or optional shifts in translated texts that change the style of source texts. This article investigates the use of colons and suspension dots as a feature of translator's style. The aim is showing that there are translator's preference patterns probably oriented towards the translation audience. Research work such as Baker (2000), Munday (2008), Saldanha (2011), May (1997), Minelli (2005) and Novodvorski (2013) are used as the theoretical framework for the analysis carried out in the study. Studies on punctuation in English and Portuguese (QUIRK *et al.*, 1985; HALLIDAY, 1985; TUFANO, 2005) are also used. The corpus analyzed is composed of three collections of short stories by Philip Roth, John Updike and Jhumpa Lahiri and their translation into Brazilian Portuguese by Paulo Henrique Britto. The texts are part of Corpus ESTRA (MAGALHÃES, 2014). Corpus tools of WordSmith Tools© 6.0 were used in the methodology to generate statistic data automatically and concordance lines. Microsoft Word 2010 was also used for text alignment and the categorization of shifts in the use of punctuation marks. The findings confirm patterns of translator's choice in using colons and suspension dots with different frontiers between clauses that probably help the translation audience in their understanding of

the texts. They also confirm Saldanha's (2011) argument that the translator's style can be influenced by the source text narrative.

Keywords: translator's style; punctuation; corpus tools; Paulo Henriques Britto.

Recebido em 01 de maio de 2015.
Aprovado em 01 de julho de 2015.

Introdução

Estudos de traduções literárias (MAY, 1997; MINELLI, 2005) concluem que mudanças de recursos da pontuação afetam o estilo do texto-fonte (TF) e do seu autor. Neste artigo, confirma-se a existência também do estilo do tradutor (BAKER, 2000; SALDANHA, 2011), argumentando-se que o tradutor brasileiro Paulo Henriques Britto (PHB) tem um padrão consistente de uso de certos recursos de pontuação nas traduções de textos de três autores americanos distintos. Para tanto, recorreremos aos estudos das abordagens linguísticas da tradução. O objetivo é mostrar a recorrência de recursos de pontuação nas traduções em substituição a outros usados nos TF, alterando a função da pontuação na interação narrativa nesses textos. A metodologia usada é baseada na análise de um corpus paralelo bilíngue, composto por traduções realizadas por PHB de contos de Jhumpa Lahiri, Philip Roth e John Updike. Procura-se responder às perguntas de pesquisa: há padrões de uso de recursos de pontuação nas traduções de PHB distintos dos TF? Esses padrões podem ser atribuídos a restrições linguísticas, convenções do tipo textual ou estilo dos autores? O tradutor altera a pontuação pela preferência por um princípio de escolha diferente daquele dos escritores desses textos e, portanto, pode-se atribuir essa preferência ao seu estilo? Este artigo está dividido em quatro seções, além desta Introdução e das Considerações finais. Na primeira, faz-se uma revisão da literatura pertinente; na segunda, descreve-se a metodologia; na terceira, apresentam-se os resultados da análise e na quarta a sua discussão. Finalmente, encerra-se o artigo com considerações sobre os resultados alcançados, suas limitações e impacto nos estudos de estilo da tradução.

Revisão da literatura

Estilo do tradutor e da tradução, e a pontuação

Baker (2000) defende que a análise do estilo do tradutor relaciona-se à análise dos padrões do texto; sua base é a estilística forense e seu foco principal é suscitar um debate sobre uma metodologia de corpus para investigação do estilo do tradutor. A autora propõe, ainda, o estudo das características dos textos traduzidos (TT) – entre elas, a pontuação.

Munday (2008) afirma que é necessário comparar o TT com o TF para fazer distinção entre os padrões do autor e do tradutor. Além de estudar o estilo da tradução, relacionado às escolhas retóricas do tradutor, seu objetivo é também identificar o estilo deste, por meio de traços linguísticos que indiquem também escolhas inconscientes. A base do autor é a estilística literária que “busca responder por que e como uma obra funciona de determinado modo¹” (MUNDAY, 2008, p. 21, tradução nossa), focando sistematicamente as escolhas linguísticas de um texto.

Saldanha (2011), assim como Baker (2000) e Munday (2008), defende a existência do estilo do tradutor. Saldanha (2011) não se refere às escolhas do tradutor como “conscientes” ou “inconscientes”, evitando a questão espinhosa que os estilísticos também procuram evitar: a de que é difícil definir, com base no texto, quais escolhas são feitas consciente ou inconscientemente pelo escritor. Para a autora, é necessário ter outros termos para falar dos hábitos (foco de interesse da estilística forense) e dos traços linguísticos usados de forma deliberada pelo escritor para construir determinados significados no texto (foco de interesse da estilística literária). Saldanha (2011) adota os termos “hábitos estilísticos” para o primeiro e “escolhas retóricas” para o segundo, e tenta compatibilizar o estudo do estilo do tradutor com o do estilo da tradução (*Id.*, 2011), baseando-se na definição de escrita autoral de Short (1996) para formular uma definição de estilo:

Um “modo de traduzir” que

- Pode ser reconhecido a partir de uma série de traduções de um mesmo tradutor,

¹No original: “[...] seek to answer why and how a work functions as it does”.

- Diferencia o trabalho de um tradutor dos demais tradutores,
- Constitui um padrão de escolha coerente,
- É ‘motivado’, no sentido em que possui função ou funções discerníveis e
- Não pode ser explicado apenas com referência ao estilo do autor ou do texto fonte, ou como sendo resultado de restrições linguísticas². (SALDANHA, 2011, p. 31, tradução nossa).

Saldanha (2011) analisa traduções de Peter Bush e Margaret Jull Costa – ambos traduzidos do espanhol e português para o inglês. Com os resultados obtidos, a autora concluiu que, entre outros fatores, as escolhas retóricas e os hábitos linguísticos do tradutor podem influenciar na compreensão do significado do texto, diminuindo o nível de formalidade e facilitando sua interpretação, e mostrar, em algum nível, a sensibilidade do tradutor ao estilo da narrativa deste texto. Além disso, Saldanha (2011) reforça a noção de que o estilo do tradutor não responde somente ao estilo do TF, mas também às necessidades do público-alvo, o que é observado também por Baker (2000) e Munday (2008).

O trabalho de Novodvorski, *Estilo das traduções de Sergio Molina de obras de Ernesto Sabato: em estudo de corpora paralelos espanhol/português* (2013), é um estudo do estilo de traduções em um corpus paralelo (espanhol/português) integrante do ESTRA (MAGALHÃES, 2014). Novodvorski (2013) analisa, entre muitos outros aspectos, os recursos de pontuação, mostrando que nos TT existe a tendência a “uma normalização da segmentação textual [...] e uma explicitação de determinadas pausas [...] em que a vírgula omitida dava lugar a sinais de pontuação mais fortes” (NOVODVORSKI, 2013, p. 216), confirmando os resultados encontrados por May (1997) e Minelli (2005) – trabalhos de tradução literária, resenhados a seguir – no que diz respeito à tendência editorial do tradutor.

²No original: “A ‘way of translating’ which is felt to be recognizable across a range of translations by the same translator, distinguishes the translator’s work from that of others, constitutes a coherent pattern of choice, is ‘motivated’, in the sense that it has a discernable function or functions, and cannot be explained purely with reference to the author or source-text style, or as the result of linguistic constraints”.

Ao tratar do uso dos recursos de pontuação em textos traduzidos, May (1997) pretende mostrar que, nos TT, o uso de pontuação para esclarecer partes do texto supera seu uso para fins interpretativos ou criativos como acontece nos TF, e afirma que os tradutores tendem a assumir o papel de editor mais do que o papel de leitor ou escritor/autor. Em *Sensible elocution: how translation works in & upon punctuation*, ela investiga, por meio de comparação, obras de Virginia Woolf e de William Faulkner com suas respectivas traduções. Segundo a autora, esses dois escritores fizeram um uso “poderoso e idiossincrático da pontuação e da estrutura da sentença em suas escritas³” (MAY, 1997, p. 5, tradução nossa). De acordo com ela, as marcas de pontuação representam limites de tradução, de tomada de decisão e de explicitação de pensamentos do TF, e os tradutores parecem apresentar resistência a essa função artística da pontuação. A autora defende que o uso criativo da pontuação em traduções deve ser tratado com maior sensibilidade.

Minelli (2005) observa a escassez de estudos sobre os recursos de pontuação na linguística, e pressupõe que tal escassez possa ser atribuída ao fato de a pontuação ser organizada por estruturas naturais da linguagem, o que dificulta sua prescrição em gramáticas. Também ressalta a “natureza polissemântica e a falta de consenso sobre as normas que regulam seu uso⁴” (MINELLI, 2005, p. 56, tradução nossa). A autora acredita que pesquisas sobre os recursos de pontuação em traduções podem fornecer resultados que esclareçam suas funções semânticas e seus significados linguísticos. Em *Punctuation strategies in the textualization of femininity: Virginia Woolf translated into Italian*, de 2005, Minelli analisa as ocorrências de ponto e vírgula, travessão, exclamação e ponto final em traduções para o italiano de textos de Virginia Woolf, e os resultados obtidos mostram certos padrões nas estratégias tradutórias adotadas em relação aos recursos de pontuação. Estratégias de desambiguação, por exemplo, podem contribuir para uma melhor definição das vozes da narrativa além de uma liberação da sintaxe fechada do original. Minelli (2005) confirma o “papel editorial” assumido pelo tradutor, conforme defendido por May (1997), já que na tradução

³No original: “[...] powerful and idiosyncratic use of punctuation and sentence structure in their writings”.

⁴No original: “polysemantic nature and the lack of consensus on the norms regulating its use”.

dos textos de Virginia Woolf para o italiano, o tradutor, aparentemente, usou os recursos de pontuação para “resolver frases incompletas ou separar vozes narrativas ligadas de forma ambígua⁵” (MINELLI, 2005, p. 67, tradução nossa).

Uso da pontuação no português e no inglês

Quirk *et al.* (1985, p. 1610-11), com base no Corpus Brown, identificaram dois propósitos gerais da pontuação – a separação de unidades sucessivas ou incluídas e a especificação de funções gramaticais, semânticas ou pragmáticas – e concluíram que os recursos de pontuação são usados seguindo convenções muito estritas e que, exceto em áreas muito periféricas e de menor extensão, não são voltados para a expressão de implicações emotivas ou retóricas como os traços prosódicos da fala. Os gramáticos também apresentam dados quantitativos do Corpus Brown, reproduzidos na Tabela 1, a seguir:

Tabela 1 – Ocorrência da pontuação no Corpus Brown⁶

Recurso	Frequência	Recurso	Frequência
Vírgula	4054	Ponto e vírgula	163
Ponto final	3897	Interrogação	89
Travessão	189	Dois pontos	78
Parênteses	165	Exclamações	26

Fonte: elaborada pelos autores

Segundo a generalização acima, as convenções da pontuação na escrita são muito estritas e pode-se entender que não tenham passado por grandes mudanças ao longo dos 40 anos desde a publicação citada. Observa-se, na Tabela 1, que não estão computadas ocorrências de aspas e reticências e é reservado pouco espaço para descrição do uso desse

⁵No original: “[...] resolve incomplete phrases or separate ambiguous intertwined narrative voices”.

⁶Tradução de Quirk *et al.* (1985).

último recurso. Concentrando-se nos recursos que se distinguiram no corpus deste trabalho, ressalta-se a afirmação de Quirk *et al.* (1985) de que no inglês os travessões são usados para marcar unidades apositivas que podem estar em posição mediana ou final dentro da oração. Os autores argumentam que o uso de vírgulas é preferido para marcar apostos; entretanto, quando há “quebra na estrutura sintática da oração, o risco de conflito com vírgulas adjacentes ou falha na marcação adequada de unidades internas demasiadamente longas”⁷ (QUIRK, *et al.*, 1985, p. 1629, tradução nossa) os travessões apresentam maior frequência de uso. Além disso, a marcação de aposto por meio de travessões conferem ao texto maior dramaticidade e informalidade enquanto o uso de vírgulas sugere uma inserção planejada no texto. Quanto ao uso das reticências no inglês, os autores afirmam que esta pode ser usada para marcar orações não terminadas. No final de orações, o travessão pode ser usado com a mesma função das reticências; porém, enquanto o travessão dá a impressão de interrupção abrupta, as reticências expressam um efeito de esmaecimento. Finalmente, os gramáticos afirmam que as editoras podem impor individualmente convenções para o que vão imprimir.

Halliday (1985) argumenta que os recursos de pontuação podem ter três tipos de função. Em primeiro lugar, como marcadores de fronteira, que organizam e hierarquizam as unidades da língua como o espaço entre as palavras e o ponto final entre as sentenças, entre outros; em segundo, como marcadores de status, que além de marcar fronteiras, marcam função discursiva como o ponto de interrogação e exclamação; e, por fim, como marcadores de relação entre os constituintes da linguagem como o hífen, o travessão, os parênteses e o apóstrofo. A Figura 1, a seguir, esquematiza as funções da pontuação do inglês de Halliday (1985).

⁷No original: “[...] disruption of the syntactic structure of the clause, or the danger of confusion with other neighbouring commas or the failure to mark adequately a rather lengthy inclusion”.

Tipo	Traço representado		Símbolo		
	Geral	Específico	Nome	Forma	
Marcadores de Fronteira	Unidades Gramaticais	Palavra	Espaço	(#)	
		Frase; oração “mais fraca”	Vírgula	,	
		Oração	Fim	Ponto e vírgula	;
			Início	Dois pontos	:
		Sentença	Ponto final	.	
Marcadores de Status	Função da Fala	Intercâmbio de informação	Afirmção		
			Pergunta	Sinal de interrogação	?
		Outras Funções	Comando, oferta, sugestão, exclamação, chamada, cumprimento	Sinal de exclamação	!
	Projeção	Citação (<i>quotation e citation</i>)	De primeira ordem; ou significado	Aspas simples	‘ ’
			De segunda ordem; ou fraseado	Aspas duplas	“ ”
	Marcadores de relação	Qualquer unidade	Aposição	Travessão	—
Digressão			Parênteses	()	
Palavra (composta)		Ligação	Hífen	-	
Possessivo, negativo		Omissão	Apóstrofo	’	

Figura 1 – Funções da pontuação na língua inglesa

Fonte: Halliday (1985, p. 35), tradução de Rodrigues (2010, p. 56)

Sobre os recursos em estudo neste trabalho, Halliday (1985) explica que o travessão, por exemplo, demonstra uma relação de aposição entre o elemento seguinte e o anterior. Classifica os dois pontos como marcadores de início e fim de fronteira da unidade gramatical “oração”. O autor explica, ainda, que os dois pontos têm uma implicação especial por serem catafóricos, ou seja, por referirem-se a segmentos posteriores a ele na sequência do texto, mas não menciona ou descreve as reticências.

Halliday (1985) argumenta que se um escritor está representando o modo escrito da linguagem, ele irá seguir os padrões gramaticais; porém, se o escritor está “escrevendo o que para ele é essencialmente discurso falado⁸” (HALLIDAY, 1985, p. 37, tradução nossa), a estrutura prosódica do texto sofre alterações. Dessa forma, a pontuação de um texto pode ter sido escolhida pelo princípio gramatical ou pelo fonológico de acordo com a motivação do autor. O autor acrescenta que, na maioria das vezes, se a oração (unidade gramatical) formar par com o grupo tonal (unidade fonológica) as duas coincidirão e não fará diferença qual princípio seguir. Mas se as duas unidades forem diferentes, haverá a possibilidade de escolha por um princípio ou outro. Halliday (1985) explica que muitos escritores podem usar um ou outro princípio ou combinar os dois, mas há casos em que um escritor parece ter preferência por um ou outro, ou seja, o escritor prefere a pontuação gramatical ou fonológica, o que pode ser visto como parte de seu estilo individual. Essa noção de preferência do escritor por um ou outro princípio é verificada aqui da perspectiva do tradutor.

Entre as gramáticas descritivas do português pesquisadas, muito pouco foi encontrado sobre pontuação, confirmando o que afirma Minelli (2005). Concentra-se, neste artigo e em Tufano (2005), por ser, até onde se sabe, o que descreve brevemente o uso de todos os recursos de pontuação (vírgula, ponto, ponto e vírgula, dois pontos, reticências, ponto de interrogação, ponto de exclamação, aspas, travessão e parênteses). A descrição em Tufano (2005) permite uma interpretação de que os recursos de pontuação em língua portuguesa têm as mesmas funções que têm na língua inglesa. Pode haver, entretanto, usos distintos referentes aos dois pontos e a vírgula. Esta é usada em inglês antes das aspas abertas em orações que projetam locuções ou ideias citadas (*quoted*) enquanto em português os dois pontos são usados para essa marcação de fronteira

⁸No original: “[...] writing down what to him is essentially spoken discourse”.

e status. Tufano (2005) apresenta as seguintes possibilidades de uso dos dois pontos: introdução de citação, introdução de fala e de “uma explicação ou desenvolvimento de ideias anteriormente enunciadas” (TUFANO 2005, p. 215), confirmando-se no português sua função catafórica. Sobre o uso de reticências e travessões no português, Tufano (2005) argumenta que cada um desses recursos é usado, principalmente, em duas situações. Em primeiro lugar, as reticências são usadas com a intenção de aludir a hesitações ou surpresa nas falas dos personagens. Em segundo lugar, as reticências são utilizadas para deixar as frases em aberto, função também do inglês de acordo com Quirk *et al.* (1985), possibilitando ao leitor o domínio sobre a interpretação. O uso de travessões, por sua vez, se concentra nas ocorrências de introdução de falas e para marcar apostos (orações explicativas) ou outros elementos no interior da oração.

Britto (2012) apresenta e discute várias das estratégias usadas em traduções literárias realizadas por ele enquanto tradutor, com destaque para aquelas usadas visando a manter representações da oralidade nos TT. Entretanto, não se refere ao uso da pontuação.

A ausência de uma descrição detalhada do uso da pontuação em português não permite afirmações categóricas sobre semelhanças e diferenças entre o português e o inglês. Entretanto, a revisão apresentada das gramáticas das duas línguas mostra, pelo menos, que o princípio gramatical na escolha da pontuação no modo escrito nas duas línguas pode ser semelhante na maioria dos casos. Portanto, ao traduzir do inglês para o português, o tradutor encontraria poucas restrições linguísticas que demandem mudanças na tradução.

Na próxima seção aborda-se a metodologia usada na pesquisa.

Metodologia

Corpus de análise

Foram selecionadas três coletâneas de contos traduzidos por PHB de diferentes autores americanos, a saber: *Intérprete de males*, de Jhumpa Lahiri; *Adeus, Columbus*, de Philip Roth; e *Coelho se cala*, de John Updike e seus respectivos TF.

O Quadro 1 detalha os textos usados na compilação do corpus de análise.

Quadro 1 – Textos usados no corpus

Obra	Autor / Tradutor	1ª Edição usada	Editora
<i>Intérprete de males</i>	Paulo H. Britto	2001	Companhia das Letras
<i>Interpreter of maladies</i>	Jhumpa Lahiri	1999	Houghton Mifflin
<i>Coelho se cala</i>	Paulo H. Britto	2003	Companhia das Letras
<i>Licks of love</i>	John Updike	2000	Random House, Inc.
<i>Adeus, Columbus</i>	Paulo H. Britto	2006/2011	Companhia das Letras
<i>Goodbye, Columbus</i>	Philip Roth	1959/1993	Vintage International

Fonte: elaborada pelos autores

No Quadro 1 é possível observar que as traduções são publicadas na mesma década, em 2001, 2003 e 2006. Pode-se observar, ainda, que a editora das três traduções é a mesma, a Companhia das Letras; portanto, as regras editoriais impostas pela editora poderiam influenciar a maneira de que os recursos de pontuação são usados. Como argumentam Quirk *et al.* (1985), as regras se tornam uma variável fixa.

A Tabela 2 apresenta o tamanho do corpus de análise em *tokens*.

Tabela 2 – Tamanho do corpus em *tokens*

	TT	TF	Total de tokens
<i>Intérprete de males</i>	58.795	58.261	117.056
<i>Coelho se cala</i>	58.869	55.887	114.756
<i>Adeus, Columbus</i>	43.845	41.596	85.441

Fonte: elaborada pelos autores

A Tabela 2 apresenta o tamanho do corpus de análise em número de *tokens*. A aproximação relativa dos textos possibilita que sejam “reunidos, confrontados e consolidados em um esforço para avançar o estudo de estilo e dos estudos descritivos da tradução em

geral”⁹, conforme argumenta Munday (2008, p. 16, tradução nossa). Essa aproximação dos textos foi obtida por meio da retirada da novela *Adeus, Columbus* e *Coelho se cala* de suas respectivas coletâneas, tornando-as aproximadas em termos do tipo textual analisado.

Procedimentos metodológicos

Procedimentos de compilação e preparação do corpus

A compilação do corpus é iniciada com a digitalização dos textos. Os TT e seus respectivos TF são digitalizados e transformados em documentos eletrônicos no formato *PDF*, nomeados de acordo com o padrão de catalogação do ESTRÁ. Por exemplo, o texto *Adeus, Columbus* e seu TF são nomeados GC_Britto e GC_Roth, respectivamente. Esses arquivos em *PDF* são tratados com o programa de reconhecimento ótico de caracteres *ABBYY FineReader* para conversão em arquivos *doc*. Nessa etapa, foi feita uma revisão apropriada dos recursos de pontuação nos arquivos em *doc*. Foi inserido um espaço antes e depois de cada recurso de pontuação, o que é reconhecido como *tokenização* em LC e, no caso das reticências, foram inseridas etiquetas entre parênteses angulares (por exemplo, <r>...</r>). Após as devidas correções e anotações do texto, os arquivos em *doc* foram salvos em *txt*.

Procedimentos de geração de dados e análise dos resultados

Para a geração de dados, foram realizados:

- a) Geração dos dados estatísticos dos TT e TF com a ferramenta *lista de palavras* do *WordSmith Tools*© 6.0 (WST) (SCOTT, 2011);
- b) Levantamento da frequência dos recursos de pontuação por meio de linhas de concordância dos TT e TF obtidas com o concordanciador do WST;
- c) Categorização das ocorrências de dois pontos e de reticências (escolha explicada a frente), trazidos dos TF nos TT ou omitidos, acrescentados ou substituídos, de acordo com as mudanças

⁹No original: “[...] brought, together, confronted, and consolidated in a bid to advance the study of style and of descriptive translation studies in general”.

- pertinentes, usando as linhas de concordância dos TF e TT expandidas e alinhadas;
- d) Análise das mudanças categorizadas como acréscimo, substituição e omissão nos TT.

Com a ferramenta lista de palavras do WST foi gerado o número de *tokens*, *types*, a razão *type/token* padronizada, o número de sentenças e seu tamanho médio através da aba “lista de dados estatísticos”, da ferramenta lista de palavras. Em seguida, com a ferramenta concordanciador, foram gerados os dados dos recursos de pontuação. Esses dados foram organizados em uma tabela de números absolutos e percentuais (cada recurso de pontuação em relação ao total de recurso de pontuação de cada texto em separado e levando-se em consideração os TT em relação ao TF). Devido à diferença de tamanho entre os textos, estes foram normalizados, observando-se a frequência dos recursos de pontuação em cada 1000 palavras de cada texto.

Finalmente, após a geração dos dados relativos à frequência de cada recurso de pontuação usado, foram escolhidos para análise os dois pontos e as reticências por constituírem um padrão de escolhas consistente nas três traduções e para atender ao escopo do artigo relativo a tamanho. As linhas de concordância desses recursos de pontuação foram expandidas em sentenças e, com o auxílio do programa *Microsoft Word 2010*, as ocorrências do TT e do TF foram alinhadas. As ocorrências dos recursos analisados foram quantificadas e classificadas em quatro categorias: 1) *trazidas dos TF*, ou ocorrências dos TF que não sofreram alteração de sua função nos TT; 2) *acrécimo*, ou ocorrências em sentenças nos TT em que eram inexistentes nos TF; 3) *substituição*, ou ocorrências nos TT usadas no lugar de outros recursos de pontuação dos TF; 4) *omissão*, ou ocorrências dos TF inexistentes nos TT. Os exemplos de substituição que foram atribuídos a diferenças dos sistemas linguísticos (por exemplo, dois pontos em substituição a vírgula entre oração projetante e projetada) foram descartados.

Apresentação e discussão dos resultados

Apresentação dos resultados

Os dados estatísticos obtidos automaticamente com a lista de palavras do WST estão apresentados na Tabela 3.

Tabela 3 – Dados estatísticos do corpus

	LL Britto	LL Updike	IM Britto	IM Lahiri	GC Britto	GC Roth
<i>Tokens</i>	58.869	55.887	58.795	58.261	43.844	41.596
<i>Types</i>	10.453	8.979	8.378	6.955	6.105	5.001
Razão <i>type/token</i> (padronizada)	52.00	49.51	48.74	46.08	44.10	41.92
Número de sentenças	2.912	2.902	3.852	3.858	3,777	3,825
Tamanho médio de sentenças	15.72	19.25	11.31	15.10	11.59	10.86

Fonte: elaborada pelos autores

A Tabela 3 mostra que os TT têm mais formas e itens (*types/tokens*) em relação a seus respectivos TF. A razão forma/item padronizada indica que os TT possuem maior variedade lexical que os TF corroborando a hipótese de que os TT tendem a evitar repetições do TF que podem ser significativas. O número de sentenças usados em LL_Britto, IM_Britto e GC_Britto é maior que em seus respectivos TF. Já com relação ao tamanho médio das sentenças, este é maior em LL_Britto e menor em IM_Britto com pequena variação entre os tamanhos, enquanto em GC_Britto é maior, com grande variação do tamanho. Esses achados mostram que alguns dos recursos de pontuação foram utilizados consistentemente de forma diferente nesses TT devido ao aumento de sentenças; mas mostra que não houve consistência no uso desses recursos em relação ao tamanho médio das sentenças. O primeiro achado indica haver preferência por recursos diferentes, enquanto o segundo indica uma provável influência dos recursos usados pelos autores dos TF. Dessa forma, a investigação do uso dos recursos confirmou-se como relevante.

Na Tabela 4 são apresentados os resultados obtidos com a frequência dos recursos de pontuação usados nas linhas de concordância.

Tabela 4 – Recursos de pontuação do corpus

Corpus	GC_Britto		GC_Roth		LL_Britto		LL_Updike		IM_Britto		IM_Lahiri	
Ponto final	3.246	74,03	3.229	77,63	2.743	46,59	2.687	48,08	3.532	60,07	3.522	60,45
Vírgula	3.780	86,21	3.284	78,95	5.113	86,85	4.545	81,32	4.465	75,94	4.156	71,33
Dois pontos	147	3,35	76	1,83	162	2,75	54	0,97	72	1,22	36	0,62
Ponto e vírgula	150	3,42	149	3,58	218	3,70	167	2,99	141	2,40	84	1,44
Exclamação	266	6,07	268	6,44	41	0,70	41	0,73	55	0,94	52	0,89
Interrogação	554	12,64	523	12,57	194	3,30	188	3,36	294	5,00	318	5,46
Parênteses	18	0,41	18	0,43	19	0,32	17	0,30	7	0,12	7	0,12
Reti-cências	226	5,15	131	3,15	17	0,29	4	0,07	7	0,12	4	0,07
Aspas simples	19	0,43	13	0,31	29	0,49	36	0,64	26	0,44	116	1,99
Aspas duplas	1471	33,55	1475	35,46	684	11,62	698	12,49	1043	17,74	1017	17,46
Traves-são	257	5,86	352	8,46	328	5,57	318	5,69	55	0,94	37	0,64
Tokens	43.845		41.596		58.869		55.887		58.795		58.261	

Fonte: elaborada pelos autores

As variações do uso dos recursos de pontuação confirmam o indício anterior de que há diferença entre seu uso nos TT e TF apesar de as regras sobre o uso de pontuação serem semelhantes nas duas línguas.

A frequência de vírgulas e de pontos finais é, consistentemente, maior nos TT, sendo o aumento em menor proporção em IM_Britto (60,07%). De certa forma, esses resultados confirmam os anteriores obtidos com o número e tamanho médio de sentenças. Para o escopo deste trabalho, a decisão foi (1) destacar os recursos de pontuação cuja frequência foi maior que aquela usada nos três TF – a vírgula, o ponto final, os dois pontos, e as reticências – e (2) descartar da análise os dois primeiros, devido ao grande número de ocorrências no corpus em geral.

A Figura 2 é apresentada para destaque da frequência de ocorrências dos dois pontos (descartadas aquelas em que os dois pontos marcam fronteira entre orações projetantes e projetadas) e reticências do corpus.

A Figura 2 mostra que a diferença de ocorrência dos dois pontos é de 21 a mais em GC_Britto e LL_Britto e 9 em IM_Britto em relação aos respectivos TF. Mostra, ainda que a diferença de ocorrência das reticências em GC_Britto é de 95, de 13 em LL_Britto e de 3 em IM_Britto, comparadas às ocorrências dos respectivos TF. Observa-se consistência no aumento do uso desses recursos nos 3 TT, sendo esse hábito linguístico aproximado em dois deles e menor no último, o que pode ser atribuído parcialmente a uma provável influência desse TF.

Na Figura 3 estão os resultados obtidos com a classificação das ocorrências dos dois pontos, conforme categorias apresentadas na metodologia.

A Figura 3 mostra que a mudança relativa ao uso dos dois pontos se dá majoritariamente por substituição, com destaque para GC_Britto, com o acréscimo em menor proporção nos TT. A omissão ocorre em apenas dois casos e não é consistente nos três TT. Os resultados obtidos após categorização das ocorrências das reticências nos três TT estão apresentados na Figura 4.

Na Figura 3, observa-se novamente a substituição como hábito estilístico predominante em dois dos TT, o acréscimo ocorrendo em menor proporção nos três TT e a omissão como estratégia não usada para esse recurso, provavelmente por sua frequência baixa em pelo menos dois dos TT. As ocorrências trazidas dos TF no corpus de TT se concentram nas instâncias em que o texto representa o modo escrito da linguagem e revela escolhas semelhantes pelo princípio gramatical do escritor, do autor e do tradutor, consistente com o que argumenta Halliday (1985).

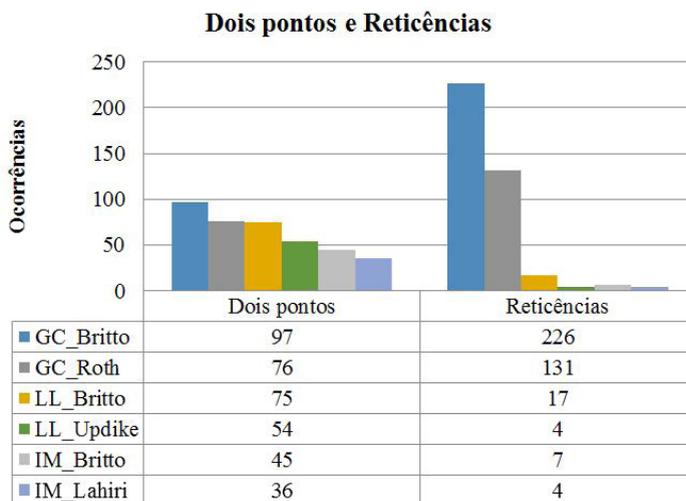


Figura 2 – Ocorrências de dois pontos e reticências no *corpus*
 Fonte: elaborada pelos autores

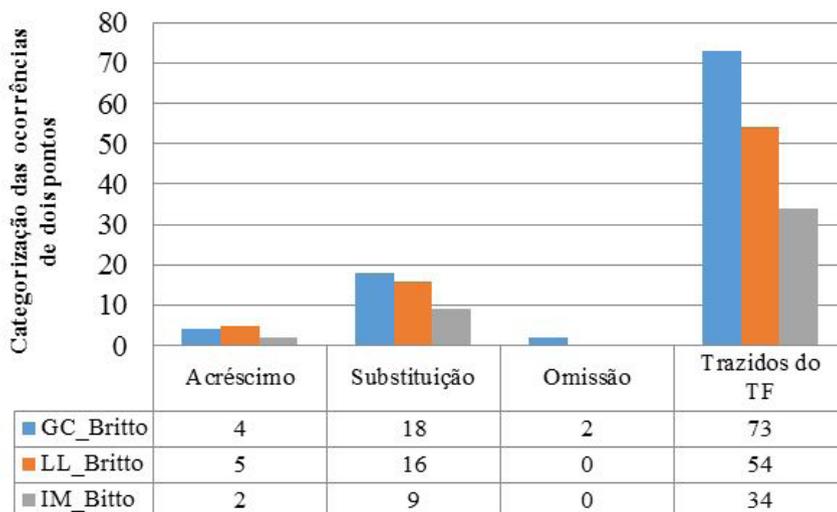


Figura 3 – Categorização das ocorrências de dois pontos
 Fonte: elaborada pelos autores

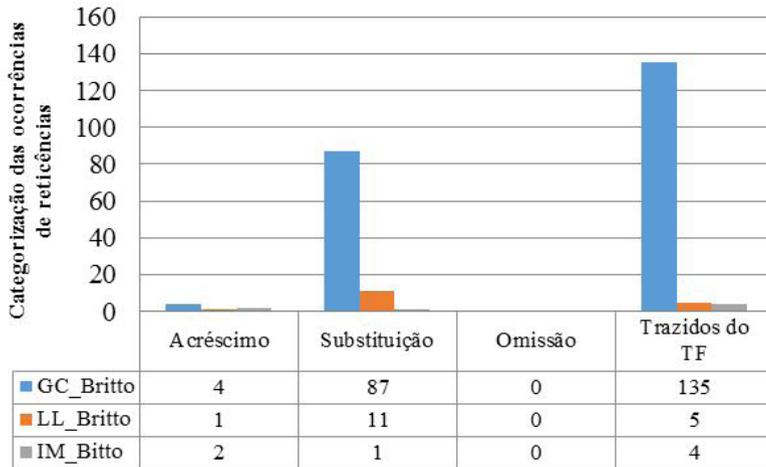


Figura 4 – Categorização das ocorrências de reticências
 Fonte: elaborada pelos autores

São apresentados, a seguir, exemplos de ocorrências de acréscimo, substituição e omissão de dois pontos. O Quadro 2 apresenta exemplos de acréscimo.

Quadro 2 – Exemplos de acréscimo – Dois pontos

ACRÉSCIMO	
Miranda estava curiosa: de onde seria ele?	Miranda wondered where he was from.
<i>Conto: Sexy (IM)</i>	
“Não foi Deus não, foi a desgraçada da minha mãe”, disse ela, e, respirando fundo, inchando as bochechas como se estivesse tocando trombone, saiu-se com: “Imogene”.	“It wasn’t the good Lord, it was my hateful mother,” she said and, taking a deep breath that rounded out her cheeks like a trumpet player’s, came out with “Imogene”.
<i>Conto: Floreios de amor em plena guerra fria (LL)</i>	
E havia algo ainda mais estranho: o rabino Binder estava ajoelhado, tremendo. Se havia uma pergunta a se fazer agora, não era: “Sou eu?”, e sim “Somos nós?... Somos nós?”.	And there was an even greater strangeness: Rabbi Binder was on his knees, trembling. If there was a question to be asked now it was not “Is it me?” but rather “Is it us?... Is it us?”
<i>Conto: A Conversão dos Judeus (GC)</i>	

Fonte: elaborado pelos autores

O primeiro exemplo do Quadro 2 mostra, no TF, um complexo oracional com duas orações, uma projetante e outra projetada, sem marca de fronteira (pontuação) entre elas. No TT, o complexo oracional foi separado por dois pontos pelo tradutor após o verbo *wondered* ser traduzido pela colocação *estava curiosa*, estabelecendo uma fronteira ou separação entre as orações, inexistente no TF. O segundo exemplo é outro tipo de complexo oracional no TF, cujas fronteiras entre as orações são estabelecidas pelo uso da vírgula. No TT, pode-se observar o acréscimo de dois pontos, estabelecendo uma fronteira inexistente no TF, entre oração projetante e projetada, narrativa e fala de personagem. Por fim, o último exemplo também apresenta complexo oracional com uma oração projetante e outra projetada, sem fronteira marcada entre elas, com a continuidade entre relato do narrador e uma pergunta a ser feita hipoteticamente. Ao acrescentar dois pontos entre as duas orações – acompanhada de outros tipos de mudanças que não cabe aqui desenvolver –, o tradutor marca claramente a fronteira entre as orações e o relato do narrador em primeira pessoa e a fala hipotética dessa personagem. A introdução dos dois pontos indica uma estratégia consistente do tradutor, estabelecimento de fronteira, provavelmente para separação de vozes na narrativa e/ou melhor compreensão da sentença pelo leitor.

No Quadro 3 são apresentados exemplos de substituição.

Quadro 3 – Exemplos de substituição – Dois pontos

SUBSTITUIÇÃO	
A essa altura Sanjeev já tinha se decidido: ele e Twinkle iriam morar ali juntos, para sempre;	By then Sanjeev had already made up his mind, was determined that he and Twinkle should live there together, forever,
<i>Conto: Esta casa abençoada (IM)</i>	
Tinha a cintura lisa e flexível por baixo da roupa de algodão, e, sim, Audrey estava certa: pela primeira vez em todos aqueles anos que nos conhecíamos...	Her waist was smooth and flexible in summer cotton, and, yes, she was right, for the first time in all our years of acquaintance...
<i>Conto: As mulheres que escaparam (LL)</i>	
O jovem havia conseguido ficar na dúvida a respeito da minha religião, mas eu não sentia a menor vontade de esclarecer esse ponto. A questão era simples: eu não gostava dele.	The young man had managed to confuse himself as to what my faith really was, but I felt no desire to straighten him out. Very simply, I didn't like him.
<i>Conto: O defensor da fé (GC)</i>	

Fonte: elaborado pelos autores

Nos exemplos do Quadro 3, observa-se a substituição de vírgulas dos TF por dois pontos nos TT. No primeiro, o complexo oracional do TF apresenta uma ocorrência do que poderia ser uma oração projetada apresentada após vírgula e aspas duplas. A realização, entretanto, é de uma oração paratática, praticamente independente, com a marca de fronteira realizada pela vírgula. Além de representar uma marca de fronteira diferente, o uso de dois pontos no TT reforça o indício de que o tradutor separa mais explicitamente a fala do relato para facilitar a compreensão do leitor. No segundo, há um exemplo do que é denominado pelos teóricos da estilística de “pensamento direto livre”, sem projeção, e o complexo oracional é mais fluido, apenas com vírgulas como marcas de fronteira. No TT, os dois pontos são introduzidos, marcando uma fronteira diferente que pode afetar o fluxo do pensamento do narrador em primeira pessoa, mas que parece facilitar a leitura pelo público-alvo. O terceiro exemplo apresenta uma oração no TF cuja relação de causalidade com a anterior está implícita. No TF, essa oração é transformada em complexo oracional e, embora não haja explicitação de uma conjunção causal, o acréscimo de “a questão” e a substituição de vírgula por dois pontos constituem outras formas de explicitar a relação causal. Os exemplos de omissão encontrados no corpus são insuficientes para contribuir de forma ampla com os resultados obtidos. Sobre o uso de reticências, observa-se que as ocorrências trazidas dos TF não apresentam diferença na função que exercem nos TT. O Quadro 4 apresenta exemplos de acréscimo.

Quadro 4 – Exemplos de acréscimo – Reticências

ACRÉSCIMO	
“Ah, seu <r>...</r>!” gritou.	“You!” she screamed.
<i>Conto: Epstein (GC)</i>	
O filme de arte não tinha nenhum enredo de que eu me lembre; havia muitas tomadas panorâmicas lentas e granulosas, e umas colagens surrealistas e rápidas, incluindo uma cena rápida e repetida de feação, que fez Jane exclamar baixinho a meu lado: “Ihh <rf>...</rf>”.	The art movie had no plot that I can remember; there was a lot of grainy slow panning and some jumpy surrealistic collage, including a quick, repeated act of fellatio that caused Jane to exclaim softly at my side, “Uh-oh.”
<i>Conto: A garota de Nova York (LL)</i>	
Ele pôs um dedo curto e grosso em meu rosto, depois pressionou-o nas costas da outra mão, deixando nelas uma leve mancha esverdeada. “Se a senhora insiste <r>...</r>”, disse ele, com uma pequena mesura.	He placed one of his stocky fingers on my cheek, then pressed it to the back of his own hand, leaving a faint green smear. “If the lady insists,” he conceded, and offered a small bow.
<i>Conto: Quando o Sr. Pirezada Vinha Jantar (IM)</i>	

Fonte: elaborado pelos autores

Nos três exemplos do Quadro 4, pode-se observar a inclusão de reticências. No primeiro exemplo, uma vírgula substitui uma exclamação, marca de fronteira e status, antes das reticências acrescentadas. Esse acréscimo alude a uma possível hesitação da personagem no TT, com uma provável abertura para interpretação do leitor, nesse caso da interjeição no TF. No segundo exemplo, as reticências acrescentadas abrem a interjeição da personagem para a interpretação do público leitor, enquanto no TF esta é fechada pelo ponto final e aspas duplas. No terceiro exemplo o acréscimo de reticências parece explicitar uma hesitação em um enunciado implicitamente não terminado da personagem no TF.

No Quadro 5 são apresentados os exemplos de substituição.

Quadro 5 – Exemplos de substituição – Reticências

SUBSTITUIÇÃO	
“Ah <r>...</r> um presente pra minha filha. Uma escova e um pente de brinquedo. Ela ainda nem completou três anos e já aprendeu a escovar o cabelo.”	“Oh — a toy for my daughter. A toy brush and comb. She’s not quite three, and has just learned to brush her hair.”
<i>Conto: Cenas dos anos 50 (LL)</i>	
“Os pais judeus <r>...</r> eles são mais protetores do que o normal, capitão.	“Jewish parents, sir — they’re apt to be more protective than you expect.
<i>Conto: O defensor da fé (GC)</i>	
“Acho que a culpa não é do garoto, não, senhor. Tenho certeza que a gente vai resolver o problema falando com ele. Os pais judeus se preocupam. <rf>...</rf>”	“I don’t think the boy’s to blame, sir. I’m sure we can straighten it out by just asking him. Jewish parents worry. —”
<i>Conto: O defensor da fé (GC)</i>	

Fonte: elaborado pelos autores

O primeiro exemplo do Quadro 5 mostra que no TF o uso de travessão após a interjeição “Oh” indica uma relação de aposição à exclamação anterior. O uso de reticências no TT, entretanto, parece exercer a mesma função do travessão no TF; função, entretanto, não descrita ainda na gramática consultada. Da mesma forma, o segundo exemplo apresenta reticências no TT em substituição ao travessão o qual desempenha a função de marcar a relação de aposição entre os dois enunciados. O terceiro exemplo mostra o uso do travessão após o ponto final e antes das aspas duplas no fechamento de uma fala, o que parece anunciar uma provável aposição, mas de modo muito diferente das outras ocorrências em que não há qualquer tipo de marca de fronteira antes do

travessão. Ocorrências de uso do travessão substituídas por reticências semelhantes a esta são recorrentes em GC_Britto e LL_Britto. Ainda que o travessão em final de oração possa indicar a possibilidade de uma reflexão posterior do personagem ou do leitor, a fala contida nessas orações foi encerrada pelo ponto final que antecede o travessão. Nos TT, por outro lado, o uso de reticências nos finais de fala pode indicar que fica aberta ao leitor a interpretação da fala das personagens, conforme argumenta Tufano (2005). Portanto, pareceria mais compreensível pelos leitores brasileiros. Entretanto, nesses casos, os resultados são insuficientes para se afirmar algo sobre a substituição do travessão por reticências. Além disso, essa substituição não pode ser atribuída exclusivamente ao tradutor já que pode ser atribuída a uma escolha editorial.

Discussão dos resultados

Nesta subseção as perguntas de pesquisa elaboradas na introdução deste artigo são retomadas e respondidas com base nos resultados obtidos.

A primeira pergunta intentava saber se haveria padrões de uso de recursos de pontuação nas traduções de Paulo Henriques Britto distintos dos padrões de uso nos TF. Os resultados obtidos mostram quatro padrões consistentes do tradutor nos três TT, de frequência mais alta de vírgulas, dois pontos, reticências e pontos e vírgula que seus respectivos TF. Tomando os dois recursos aqui analisados, também mostram que parte (161 ocorrências de dois pontos e 120 ocorrências de reticências) deste uso consistente é trazido dos TF, mas que também há hábitos estilísticos consistentes de acréscimos e substituições nos TT. Os casos em que os dois pontos e as reticências foram trazidos dos TF concentram-se em instâncias em que o uso destes recursos de pontuação é semelhante no inglês e no português brasileiro. Os acréscimos e substituições indicam que os dois pontos e as reticências, além de ter funções diferentes nas traduções, podem ter sido escolhidos nos TT seguindo o princípio gramatical, conforme aponta Halliday (1985), aproximando os textos do modo escrito da linguagem, ainda que, em vários exemplos dos TF, a escolha por outros recursos ou a não escolha parece ter sido feita pelo princípio fonológico, criando determinada fluidez e ritmo na escrita, mais apropriado ao modo oral. Também há a probabilidade de influência de normas editoriais.

A segunda pergunta era sobre a atribuição dos padrões encontrados a restrições linguísticas, convenções do tipo textual, ou estilo

dos autores. Os padrões diferentes nos TT e que se deviam a restrições dos sistemas linguísticos foram descartados da análise como o uso de dois pontos em português entre uma oração projetante e outra projetada, quando em inglês a fronteira é marcada por vírgula. Foram analisados apenas aqueles que, havendo uma alternativa semelhante de escolha, foi feita uma escolha diferente, portanto, opcional. Quanto às convenções do tipo textual, estas podem esbarrar nas exigências editoriais. No caso das três coletâneas de contos aqui analisadas, todas foram publicadas pela mesma editora. Ainda que esta possa ser considerada uma variável fixa, não é possível apresentar evidências da influência de convenções do tipo textual definidas pela editora apenas com os textos do corpus. Quanto ao estilo dos autores, os resultados apresentados na Tabela 4, principalmente, e nas Figuras 2 e 3 mostram que há certa sensibilidade do tradutor com os hábitos estilísticos dos autores no que se refere ao uso dos recursos de pontuação, conforme antecipou Saldanha (2011). Não há consistência de uso diferente dos diversos recursos de pontuação usados, excetuando-se a vírgula, o ponto e vírgula (com pequena variação), os dois pontos e as reticências. Essa é uma indicação de influência dos autores em alguns dos casos.

A última questão se refere à probabilidade de o tradutor padronizar a variedade dos TF relativa aos recursos de pontuação pela preferência por um princípio de escolha diferente daquele dos escritores desses textos e, portanto, ao seu estilo. Certas instâncias do uso dos recursos de pontuação dos TF, com função ainda não descrita nas gramáticas do inglês, são substituídas consistentemente nos TT. Tendo-se observado que não houve restrição linguística para a substituição, esta pode ser interpretada como exigência editorial ou como hábito estilístico do tradutor. Alguns exemplos analisados podem encaixar-se na primeira alternativa, como o uso de reticências após ponto final em lugar de travessões, embora não haja evidências suficientes para afirmar. Outros, entretanto, como os acréscimos, seja de dois pontos ou de reticências, e de substituição de dois pontos por vírgula para marcar diferentemente a fronteira entre fala ou pensamento indireto livre, parecem advir de pressuposições do tradutor sobre seus leitores e a preocupação com uma leitura mais fluida por estes, ao marcar fronteiras entre as vozes narrativas. A análise das ocorrências de dois pontos e reticências do corpus confirmam uma provável preferência do tradutor pelo princípio gramatical na escolha da pontuação e a clareza do modo escrito da linguagem.

Retomando os estudos sobre a pontuação revisados acima, conclui-se que os resultados obtidos neste estudo confirmam os achados de Novodvorski (2013) no que tange a explicitação de pausas nos TT. Não há evidências para se afirmar que a estratégia da explicitação supera o uso da pontuação com função interpretativa ou criativa, conforme advoga May (1997). Para tanto, seria preciso uma análise mais detalhada. As estratégias de explicitação, entretanto, servem o propósito de desambiguar e definir as vozes das narrativas ou, ainda, de resolver frases incompletas, confirmando os achados de Minelli (2005). Sugerem, ainda, o papel editorial do tradutor defendido por May (1997) e Minelli (2005). Os resultados também contrariam parte do que afirma Saldanha (2011) sobre como as escolhas retóricas e os hábitos linguísticos do tradutor podem influenciar na compreensão do significado do texto diminuindo o nível de formalidade e facilitando sua interpretação. No caso dos recursos da pontuação, evidencia-se no corpus uma facilitação da interpretação do texto pelo leitor, com o estabelecimento diferente de fronteiras entre as orações (HALLIDAY, 1985; QUIRK *et al.*, 1985). Entretanto, em muitos dos casos, aumentando seu nível de formalidade, com certo apagamento de escolhas de representação do modo falado na narrativa escrita dos TF. Entretanto, pode-se concluir, como Saldanha (2011), que também há sensibilidade do tradutor ao estilo da narrativa dos textos.

Considerações finais

O artigo foi iniciado com o estabelecimento da relevância de um estudo do uso dos recursos de pontuação em *corpora* paralelos como uma das possibilidades de se determinar o estilo como atributo pessoal dos tradutores. Baker (2000) sugeriu a importância do estudo, de um lado; May (1994) e Minelli (2005), de outro, mostram mudanças relevantes na pontuação de traduções literárias e a escassez de estudos sobre a pontuação nas línguas. As autoras usam metodologias da tradução literária em seu estudo. Este artigo investigou o uso dos dois pontos e das reticências em três TT de diferentes TF, de um mesmo tradutor, Paulo Henrique Britto, usando metodologia dos estudos linguísticos, com o auxílio de ferramentas de corpus. O objetivo foi mostrar a recorrência de recursos de pontuação nas traduções em substituição a outros usados nos TF, alterando a função da pontuação na interação narrativa nesses textos.

Para atingir esse objetivo, buscou-se a literatura sobre estilo do tradutor, especialmente, observando o estilo da tradução perifericamente. Se de um lado foi possível mostrar a consistência do uso diferenciado dos dois pontos e reticências pelo tradutor nos três TT de diferentes TF e sugerir estratégias usadas visando ao leitor do público-alvo, não foi possível analisar o uso da vírgula e do ponto e vírgula, também consistente, ou evidenciar a existência ou não de convenções editoriais para o tipo textual que possam ter influenciado as escolhas feitas pelo tradutor. Não foi possível aprofundar, e não fazia parte do escopo do trabalho, a relação entre a função da pontuação e sua influência na construção de determinados significados textuais, ou seja seu valor literário nos TF e TT. Essas duas limitações, entretanto, abrem espaço para estudos posteriores, de investigação das convenções editoriais para o tipo textual e de pesquisa mais ampla sobre escolhas retóricas, por tradutores e autores, de recursos de pontuação para compor significados temáticos dos textos. Principalmente, o estudo reforça a necessidade de descrição do uso da pontuação em língua portuguesa baseada em corpus, e atualização das descrições em língua inglesa de modo a incluir e/ou aprofundar sobre o uso de recursos como o travessão e as reticências.

O trabalho, portanto, contribui para a produção do conhecimento nos estudos do estilo do tradutor, mostrando hábitos estilísticos do tradutor Paulo Henriques Britto em relação ao uso dos dois pontos e reticências, provavelmente preocupado com uma leitura mais clara dos textos traduzidos pelos leitores brasileiros.

Agradecimentos

Os autores agradecem os fomentos concedidos pelo Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq) ao Projeto PQ 301720/2013-9; pela Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPEMIG) ao Projeto PPMVIII 00059-14 e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) ao Projeto PACCSS-II 151/2013.

Referências

- BAKER, M. Towards a methodology for investigating the style of a literary translator. *Target*, v. 12, n. 2, p. 241-266, 2000.
- BRITTO, P. H. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CRISTÓFARO, N. C. *O uso de dois pontos e ponto e vírgula na tradução Intérprete de Males, de Paulo Henriques Britto: um estudo do estilo do tradutor.* (Trabalho de conclusão do Curso de Bacharelado em Letras) Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2013.

HALLIDAY, M. A. K. *Spoken and written language.* Victoria: Deakin University, 1985.

LAHIRI, J. *Interpreter of Maladies.* 1a. Ed. New York: Houghton Mifflin, 1999.

_____. *Intérprete de Males.* Tradução: Paulo Henriques Britto. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MAGALHÃES, C. M. Estra: um corpus para o estudo do estilo da tradução. *Cadernos de Tradução*, v. 2, n. 34, p. 248-271, 2014.

MAY, R. Sensible elocution: how translation works in & upon punctuation. *The Translator*, v. 3, n. 1, p.1-20, 1997.

MELO, I. L. R. *O uso de dois pontos e ponto e vírgula na tradução de Adeus, Columbus, de Paulo Henriques Britto: um estudo do estilo do Tradutor.* (Trabalho de conclusão do Curso de Bacharelado em Letras) Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2014.

MINELLI, E. Punctuation strategies in the textualization of femininity: Virginia Woolf translated into Italian. *New voices in translation studies*, v. 1, p. 56-69, 2005.

MUNDAY, J. *Style and ideology in translation: Latin American writing in English.* New York: Routledge, 2008.

NOVODVORSKI, A. *Estilo das traduções de Sergio Molina de obras de Ernesto Sabato: em estudo de corpora paralelos espanhol/português.* 2013. 259f. Tese. (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

QUIRK, R. *et al. A comprehensive grammar of the English language.* London: Longman, 1985.

RODRIGUES, R. R. *Tradução e apresentação do discurso: um estudo de “Bliss” de Katherine Mansfield.* 2010. 226f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

ROTH, P. *Goodbye, Columbus.* 1a. Ed. New York: Vintage International, 1993.

_____. *Adeus, Columbus*. Tradução: Paulo Henriques Britto. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

SALDANHA, G. *Translator style: methodological considerations*. *The Translator*, v. 17, n. 1, p. 25-50, 2011.

SHORT, M. R. *Exploring the language of poems, plays, and prose*. London; New York: Longman, 1996.

SCOTT, M. *WordSmith Tools 6.0*, Lexical Analysis Software. Oxford University Press, 2011.

TUFANO, D. *Gramática e literatura brasileira*. São Paulo: Paulus, 2005.

UPDIKE, J. *Licks of Love*. 1a. Ed. New York: Random House, Inc., 2000.

_____. *Coelho se cala e outras histórias*. Tradução: Paulo Henriques Britto. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VON RANDOW, C. M. *O uso de dois pontos e ponto e vírgula na tradução Coelho se Cala, de Paulo Henriques Britto: um estudo do estilo do tradutor*. (Trabalho de conclusão do Curso de Bacharelado em Letras) Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2013